

**“JUSTO MINISTRO, AMADO DO SENHOR”:
A PARENÉTICA POR OCASIÃO DO ATENTADO AO
MARQUÊS DE POMBAL (1776)**

**“RIGHTEOUS MINISTER, BELOVED OF THE LORD”:
THE PARENETICS ON THE OCCASION OF THE ATTACK TO THE
MARQUÊS OF POMBAL (1776)**

Isabel Drumond Braga
Universidade de Lisboa
(Portugal)
isabeldrumondbraga@gmail.com
ORCID 0000-0002-7035-6497

RECIBIDO: 5/9/2022
ACEPTADO: 20/11/2022

RESUMO

Na época moderna, ocasiões como doenças, atentados e mortes de figuras que desempenhavam cargos de poder não ficavam alheias à pregação de sermões, os quais podiam ser impressos. Nesse sentido, o fracasso do atentado perpetrado ao marquês de Pombal, em 1776, constitui um bom exemplo do estudo das manifestações de parenética epidídica que, em seguida, tiveram lugar. O estudo da linguagem utilizada pelos pregadores evidencia relações próximas com a teoria política, bem patentes em sermões dedicados a figuras da governação.

Palavras-chave: atentado, marquês de Pombal, parenética encomiástica, Portugal, século XVIII, teoria política.

ABSTRACT

In the early modern age, occasions such as illness, attempted murders and deaths of figures who held positions of power were present in sermons, which could be printed. In this sense, the failure of the attempted murder of the Marquis of Pombal, in 1776, constitutes a good example for the study of the manifestations of rejoicing that then took place. The study of the language used by preachers shows close relationships with political theory, clearly evident in sermons dedicated to figures in government.

Keywords: attack, Marquis of Pombal, encomiastic parenetics, Portugal, 18th century, politic theory.

RESUMEN

En los tiempos modernos, ocasiones como enfermedades, ataques y muertes de figuras en posiciones de poder se usaban para predicar sermones, que podían llegar a imprimirse. El fracaso del atentado contra el Marqués de Pombal, en 1776, constituye un buen ejemplo del estudio de las manifestaciones de la parenética demostrativa ocurrida inmediatamente. El estudio del lenguaje utilizado por los predicadores muestra una estrecha relación con la teoría política, bien evidenciada en los sermones dedicados a figuras del gobierno.

Palabras clave: atentado, Marqués de Pombal, parenética demostrativa, Portugal, siglo XVIII, teoría política.

1. ORATÓRIA SACRA E CONTROLO DOS PREGADORES

Na Época Moderna, a palavra oral foi um meio privilegiado de contacto com as pessoas, o que se percebe tendo em atenção que a maioria delas era analfabeta. Neste contexto, os sermões assumiram um papel de relevo no disciplinamento das populações. Encontrando-se em Portugal, desde a segunda metade do século XV, manuais de retórica da autoria de estrangeiros (Pereira, 2012, pp. 278-299), será, todavia, depois do Concílio de Trento, que as autoridades eclesiásticas investiram na formação, vigilância e castigo dos pregadores que prevaricavam, o que deve ser contextualizado no âmbito do novo impulso pastoral da Igreja. Através da difusão de sermonários e de catecismos visou-se assegurar as condições mínimas para o exercício da arte de pregar no púlpito de acordo com a ortodoxia doutrinal, sendo de salientar, no âmbito português, o *Catecismo ou doutrina christã* (1564), de D. frei Bartolomeu dos Mártires. Em outras paragens, as *Instructiones praedicationis verbi* (1576), da autoria de Carlos Borromeu, arcebispo de Milão; e a obra de Vincenzo Ricci, *Geroglifici morali* (1626), publicada em Nápoles, foram particularmente relevantes (Palumbo, 1997, p. 359; Palomo, 2003, p. 295; Venard, 2005, p. 109-124). Juntam-se igualmente obras do século XVIII, nomeadamente os *Diálogos sobre a eloquencia em geral, e a do Pulpito em particular*, de Fénelon, publicados em francês em 1718 e traduzidos para português em 1761. Estes, e outros textos, acabavam, assim, por extravasar as fronteiras dos arcebispados em que foram produzidos. Refiram-se igualmente, para os séculos XVII e XVIII, os compêndios de oratória sacra, as biografias de pregadores e diversas obras destinadas ao ensino da doutrina, que facilitavam o exercício da pregação, tais como e, de entre outras, a de Francisco Saraiva de Sousa, intitulada *Báculo pastoral* (1624), a de João da Fonseca, denominada *Silva moral e histórica* (1696), a *Nova floresta*, de Manuel Bernardes (1706-1728) e a *Floresta novissima de várias acções*, de Manuel da Epifania (Marques, 2001, pp. 470-510; Palomo, 2006, p. 79). De qualquer modo, tenha-se presente que, na perspectiva de Arnaldo Espírito Santo, tudo o que “se encontrava perfeitamente definido na retórica clássica foi objeto de sucessivas releituras e atualizações de ordem estética, cultural e religiosa, de acordo com as tendências literárias de cada época” (Santo, 2012, p. 197).

Recorde-se que as homilias, as missões do interior, as exéquias, as ações de graças, os panegíricos dos santos e da Virgem, as canonizações, os aniversários da fundação de casas conventuais, as tomadas de hábito, os autos da fé, as procissões de resgate de cativos e bem assim todas as festas religiosas e litúrgicas davam origem a sermões, o que explica a abundância deste tipo de textos, muitos dos quais tiveram honras de impressão, em especial durante os séculos XVII e XVIII

(Pontes, 1961; Marques, 1998: 162; Braga, 2001, pp. 465-565), o que não deve fazer esquecer a significativa, abundante e muito dispersa produção concionatória manuscrita.

Como o sermão era frequente, e até mesmo uma prática banal, o uso do púlpito implicava o controlo dos superiores, nomeadamente dos bispos, que através das constituições diocesanas, de provisões e de cartas pastorais, regulamentavam as características da pregação e as qualidades dos pregadores, não deixando de proceder ao exame, à vigilância e até ao castigo dos mesmos, numa dinâmica variável no tempo, no espaço e dependente da atuação de cada antístite, particularmente mais ativa após o Concílio de Trento (Marques, 2001, pp. 484-485; Palomo, 2006, p. 294; Santos, 2007, pp. 160-172; Paiva, 2009, pp. 9-43; Mendonça, 2011, pp. 283-291).

Apesar das preocupações e das exigências com a formação dos pregadores, da vigilância exercida sobre os mesmos e até do castigo de alguns prevaricadores e, não obstante, a regulamentação das matérias e das formas de levar a efeito a parénese, incluindo as indicações sobre as fontes autorizadas – as Sagradas Escrituras, os comentários bíblicos, os Padres da Igreja e alguns textos de espiritualidade – e tudo o que deveria ser obrigatoriamente banido: anedotas, fábulas, historietas humanas e até disputas sobre heresias mesmo que com o fim de as combater (Marques, 2001, p. 486) – as fontes indiciam interpretações claras e interpretações erróneas por parte dos fiéis, muitas vezes bastante ignorantes mas nem sempre isentos de alguma argúcia intelectual (Braga, 1997, p. 327; Marques, 2001, pp. 42-43; Paiva, 2009, pp. 42-43). Estas realidades eram particularmente relevantes se tivermos em conta que o gesto e a palavra eram as principais formas de comunicação. Logo, a eficácia comunicativa estava intrinsecamente ligada à capacidade de influenciar as populações e alterar os seus comportamentos (Carrasco Martínez, 2001, pp. 26-37).

O ministério da palavra, juntamente com a confissão e com o ensinamento dos rudimentos da doutrina, era o meio utilizado pelos missionários para disciplinar e evangelizar as populações (Palomo, 2001, pp. 296-298). Tenha-se igualmente presente que o sermão permitia controlar e disciplinar os fiéis, através das ideias e das reações do corpo social, bem como das palavras proferidas pelo pregador, a que não eram alheios o tom, o ritmo e a postura do orador (Saez, 2002, p. 49), exortando os ouvintes à reforma das condutas (Massimi, 2005, p. 28).

2. PARÉNESE GRATULATÓRIA

A parénese era diversificada e, conseqüentemente, servia vários propósitos. João Francisco Marques tipificou-a, destacando a pregação ordinária ou pastoral de carácter pedagógico, dirigida à educação para a fé, que estava a cargo de bispos e párocos no exercício das suas atividades de pastores. Tinha como subgéneros o sermão catequético, o sermão homiliético e a pregação extraordinária que compreendia o sermão propriamente dito com os subgéneros: encomiástico (panegírico e oração fúnebre), deprecatório (prece), eucarístico (ação de graças) e gratulatório (regozijo) (Marques, 2001, p. 421).

No âmbito deste texto, pretende-se proceder ao estudo dos sermões pregados por ocasião de um momento de regozijo sentido após o marquês de Pombal ter escapado a um atentado. Aparentemente, o estadista fora poupado a um crime perpetrado pelo pintor genovês Giambattista Pelle, que o visava assassinar durante o percurso rumo ao Terreiro do Paço, para assistir à inauguração da estátua equestre de D. José I, fazendo explodir um engenho colocado debaixo do assento da carruagem. O acontecimento, ocorrido no auge do exercício do poder do marquês de Pombal, e nunca cabalmente esclarecido, deu origem à celebração de um *Te deum*, na igreja de Santo António, por ordem da câmara da capital, a vários textos de desagravo e até a um opúsculo apologético

“Justo ministro, amado do senhor”: a parenética...

Isabel Drumond Braga

da autoria de António Pereira de Figueiredo, intitulado *Preces e votos da nação portuguesa ao anjo da guarda do marquês de Pombal* (Pereira, 1996, pp. 373-381; Santos, 2005, pp. 165-166). De qualquer modo, as provas pouco fiáveis encontradas contra o pintor genovês não o impediram de ter sido executado, com requintes de crueldade, no dia 11 de outubro do mesmo ano (Azevedo, 1990, pp. 265-266; Monteiro, 2006, pp. 256-258, Mendóça, 2010, pp. 441-443).

A avaliar pelos registos da Biblioteca Nacional de Portugal, o atentado ou o pretense atentado contra o ministro de D. José I levou à publicação de cinco peças parenéticas. Note-se que terão sido pregados mais sermões, mas que, como era comum, nem todos conheceram os prelos. Por outro lado, atendendo a que à data das publicações, isto é, 1776, não havia depósito legal, é possível que se tivessem editado outros relativos à mesma temática, mas que não tenham dado entrada na referida biblioteca até ao presente.

Quadro 1. Pregadores e sermões impressos relativos ao pretense atentado ao Marquês de Pombal

Pregador	Outros Cargos	Ordem	Local da Pregação	Casa Religiosa	Sermão a pedido de	Tamanho
Filipe de Santiago (frei)	Reitor geral e reformador dos Religiosos de São Paulo	Ordem de São Paulo	Lisboa	Igreja do Mosteiro de São Paulo ou Igreja de Santa Catarina do Monte Sinai	?	34 pp.
Inácio José Varona (frei)		Carmelitas Calçados	Funchal	Igreja de São João Evangelista	Real Junta da Fazenda da Ilha da Madeira	24 pp.
João de São Bernardino Justiniano da Costa (padre)	Cónego de São João Evangelista	Secular	Faro	Sé de Faro ou Igreja de Santa Maria	Tomás António Moreira do Couto e Sampaio (abade de Marecos – Penafiel)	16 pp.
José da Silva Freire (padre)	Cónego da Sé da Baía	Ordem de São Pedro	Baía	Sé da Baía	Autoridades régias e eclesiásticas da Baía	16 pp.
José de Loureiro (frei)	Professor de História Universal no Colégio de Alcobaça	Ordem de Cister	Alcobaça	Igreja do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça	?	30 pp.

Ao longo dos sermões, foram evidentes quatro ideias relevantes que nortearam a escrita, a saber: a condenação do ataque, as qualidades do governante, a igualdade de nascimento e um esboço de teoria política. Atendendo a que tudo começou em consequência do referido atentado, real ou forjado, perpetrado contra Sebastião José de Carvalho e Melo, compreende-se que as referências ao acontecimento não tenham sido escamoteadas. Frei Varona entendeu que o Altíssimo acudiu ao reino ao salvar o marquês de Pombal e continuou com críticas ao autor do ataque:

homem que meditou nos escondidos segredos da sua casa a maldade mais detestável que seguiu o mais errado caminho; que cego, alucinado, e alheio dos sentimentos da humanidade insidiou à vida do Excelentíssimo marquês de Pombal; um homem que, conspirado com outros iguais monstros de impiedade e perfídia (monstros talvez, a que o excelentíssimo ministro tirara antes a máscara e fizera aparecer no vasto teatro do mundo só com a veste interior, com a religião fingida) foi o que excitou a nossa gratidão para com o autor de todo o bem (Varona, 1776, pp. 8-9).

“Justo ministro, amado do senhor”: a parenética...

Isabel Drumond Braga

Para o pregador, que considerou o ataque uma heresia, do mal haveria que extrair algo bom e, nessa linha de pensamento, advertiu que

é necessário que haja heresias para que sobre estas mais se levante e exalte a fé. É necessário apareçam estes inimigos da Natureza, da Sociedade e do Bem Público, para que o Senhor iludindo e frustrando os seus intentos reluzo mais o seu particular cuidado sobre nós, sobre o nosso Reino, sobre o nosso Primeiro-Ministro (Varona, 1776, p. 9).

Os outros pregadores referiram e condenaram igualmente o autor do atentado não concretizado. O padre João de São Bernardino Justiniano da Costa considerou-o forte e horrendo, lembrando que a Majestade era ofendida com o ataque ao ministro (Costa, 1776, pp. 10-11). O padre José da Silva Freire congratulou-se com a condenação do genovês, escrevendo: “alegremo-nos pois com a nossa felicidade, pois vemos que o réu de tão abominável maldade não poderá empreender que sobre ele recaia a ruína que meditava causar-nos” (Freire, 1776, p. 11), enquanto frei José de Loureiro considerou Pelle vil, monstro e traidor infame (Loureiro, 1776, p. 5). Finalmente, frei Filipe de Santiago, começou por referir-se ao suposto atentado como “ímpia, atroz, bárbara e violenta conjuração”, para se fixar, em seguida, no seu autor:

os fieis e agradecidos Portugueses, sem serem traidores a si mesmos, não lhe podiam urdir tão horrenda e sacrílega traição, só homens forasteiros que ou errando por estranhos climas com furiosa obstinação taparam os ouvidos, para que neles não fizesse harmonioso som a voz da fama, que voando de um a outro polo do mundo apregoa o nome do Excelentíssimo marquês, tão grande como as suas heroicas ações, tão imortal como o seu merecimento; ou que chegando a Portugal fecharam os olhos para não verem os benefícios que nos tem feito, o eterno monumento que acreditando a nação convida e chama de remotíssimos países as curiosas atenções dos estrangeiros [...] monstros abomináveis que de quando em quando o abismo vomita sobre a terra para verdugos do género humano (Santiago, 1776, pp. 8-9).

As qualidades de Pombal foram referidas com entusiasmo, por frei Varona. O ministro foi definido como lugar tenente de D. José I, depois de ter comparado a reedificação de Lisboa à de Jerusalém e de ter salientado as suas ações no campo da inspeção da reedificação da capital e em prol da legislação, do comércio e da agricultura. Uma alusão à Universidade de Coimbra aparece de forma discreta e metafórica, isto é, a cidade estava enferma, mas Carvalho e Melo havia livrado o Reino do contágio e dera-lhe saúde (Varona, 1776, pp. 14-20). Recorde-se que em 1772, havia-se procedido à reforma dos estudos, tendo a Universidade recebido novos estatutos (Araújo, 2000). Frei Varona previu que o ministro de D. José I ocuparia lugar entre os melhores do mundo, pois “o maior Rei o chamou a si e descansa sobre os seus já cansados ombros o peso dos importantíssimos negócios do seu vasto e dilatado império” (Varona, 1776, p. 13).

Outros pregadores foram mais longe na adulação ao marquês de Pombal. O padre João de São Bernardino Justiniano da Costa referiu a ação política do governante que fizera puras, santas e saudáveis leis; lembrou que procedera à reforma da Universidade de Coimbra; definiu-o como o braço direito do Rei e como um espírito iluminado, entendeu que o estadista tinha mais qualidades do que Nestor na Grécia, Catão em Roma e Richelieu e Mazarin em França; para concluir que Carvalho e Melo era amigo da paz, inclinado ao bem público, perfeito, justo, afável, providente,

“Justo ministro, amado do senhor”: a parenética...

Isabel Drumond Braga

reto, benigno, obediente e defensor das leis divinas e humanas; em suma, um homem sem igual, um sábio sem antagonistas, um ministro sem semelhante (Costa, 1776, pp. 5, 5-8, 12).

O padre José da Silva Freire definiu Pombal como “insigne benfeitor de toda a monarquia lusitana”, “justo ministro, amado do Senhor” e pregou, supostamente de forma eloquente:

aquele homem, que o Senhor escolheu para nossa felicidade, que encheu das luzes da sua sabedoria e comunicou pelas mãos de um sábio e Augusto Soberano as forças do seu poder, aquele a quem colocou em um lugar superior aos outros, como imediato ao Príncipe, a quem com a autoridade do lugar uniu a segurança da pessoa, aquele finalmente, que servindo de amparar aos bons é terror dos maus, este mesmo, que com a sua face basta para infundir respeito e fazer desmaiar os seus inimigos; este é buscado e invadido pela abominável malícia de um infame assassino, daqueles monstros que não se podem encontrar entre a fiel nação portuguesa, só se podia achar por cabala e artifícios entre a gente estranha (Freire, 1776, pp. 6, 11, 9).

Comparou a ação do marquês de Pombal à de José no Egípto, considerando que ambos serviam grandes reis, à de Simão, filho de Onias e à de Azarias, mestre de Salomão, e concluiu que Pombal a todos tinha excedido (Freire, 1776, p. 13). Finalmente, referiu-se à reforma da Universidade de Coimbra, à qual dera “novo ser e alma”, não esquecendo as restantes reformas do ensino pois “por todo o Reino e suas conquistas erige escolas, escolhe professores, dota a todos de rendas e benefícios” (Freire, 1776, p. 15).

Frei José de Loureiro aludiu ao governante como herói, protetor e pai da Pátria, possuidor de dons como: bondade, circunspeção, clemência, conselho, constância, eloquência, fortaleza, grandeza, intrepidez, penetração, persuasiva, presença de espírito, polidez, sabedoria e urbanidade para rematar com comparações ao imperador Augusto, entendendo que excedera as ações daquele, que D. José I tinha contado com a ajuda de Pombal e que a ação deste em matérias como as leis, as artes, a indústria e a reconstrução da cidade de Lisboa, que ficara pior do que Jerusalém, tinham sido notabilíssimas (Loureiro, 1776, pp. 6-23).

Frei Filipe de Santiago não foi menos exacerbado nos elogios ao ministro de D. José I. Entendeu-o como iluminado, sábio e zeloso e salientou as importantes ações a favor do bem comum, em áreas como o comércio, a reedificação da cidade de Lisboa, as artes e as ciências “resgatadas das escuras masmorras da ignorância onde por desgraça nossa jazeram tantos anos aferrolhadas” (Santiago, 1776, p. 16). Considerou que Pombal havia inaugurado uma nova época em que fizera “ombrear Coimbra com Atenas”, pois acabara com o passado obscuro no qual,

a filosofia compreendida em capciosos sofismas e pueris contendias não se empregava em contemplar os segredos da natureza e os seus admiráveis efeitos. As belas letras, o uso das matemáticas e da geometria, o estudo das línguas, tudo isto julgado por inútil, supérfluo e de nenhum valor. Torpe semente que nos nossos literários campos começaram a derramar logo que neles aparecem esses homens inimigos que debaixo dos especiosos e fingidos véus da religião escondem corações opostos a toda a piedade. Horroroso destroço que nas nossas academias fizeram esses famintos, raivosos e carniceiros lobos que no nosso país entraram disfarçados nas cândidas peles de ovelhas (Santiago, 1776, pp. 24-25).

Provavelmente, em resultado de o nascimento de Carvalho e Melo não ter ocorrido no seio de uma família proeminente, uma vez que não pertencia à primeira nobreza do reino (Teles, 2007),

frei Inácio José Varona não hesitou em valorizar as qualidades humanas a partir das ações e não do nascimento, escrevendo que os homens “vieram à luz do mundo de um mesmo modo” e continuando para salientar as boas ações:

as almas não são maiores pela antiguidade dos ascendentes, pela fama vaga, pelos títulos gratuitos ou por outra qualquer qualidade que argua uma notável diferença. A nobreza dos pensamentos, a moral cristã, a prática das virtudes a respeito de Deus, do Rei e dos Homens, a constância nos casos adversos, nos lances mais perigosos e nas conjunturas mais críticas é quem eleva uns homens sobre os outros, é quem os exalta, os engrandece e distingue (Varona, 1776, p. 11).

Uma peça parenética dedicada a um *homo politicus* faz habitualmente referências a teoria política, de forma implícita ou de forma explícita, com um aprofundamento mais ou menos relevante. No caso das observações de frei Varona, pode verificar-se que não foram particularmente significativas. Mesmo assim, referiu que o homem de corte deveria empregar-se nas funções próprias do seu estado e ministério, sem especificar quais, e aplicar-se à utilidade dos povos e à felicidade do Reino (Varona, 1776, p. 11). Os restantes pregadores não se dedicaram a meditar em questões deste foro.

Os pregadores seguiram um modelo retórico comum à oratória ao utilizarem comparações do marquês de Pombal com diversas figuras clássicas e bíblicas, tais como Augusto, Azarias, Catão, José, Nestor e Simão, sem terem esquecido outras com políticos franceses mais próximos de Pombal, isto é, Mazarin e Richelieu. No entanto, como é comum neste tipo de oratória encomiástica, as pretensas qualidades do visado foram fortemente exageradas. Os sermões constituíram meros instrumentos de propaganda ao serviço da construção de uma imagem extremamente positiva. Todas as referências à boa governação foram pregadas como atributos do marquês de Pombal, conseqüentemente, apenas de forma indireta se espelham alguns tópicos relativos às qualidades que os bons governantes deveriam possuir, temas omnipresentes nos sermões por morte de figuras da casa real, papas, bispos e inquisidores (Braga, 2015, pp. 38-59; Braga, 2015a, pp. 119-138; Braga, 2019, pp. 178-198; Braga, 2019a, pp. 175-197; Braga, 2022, pp. 209-229; Braga e Braga, 2017, pp. 23-41).

CONCLUSÕES

A pregação ultrapassava a área espiritual e religiosa, havendo que distinguir as prédicas das ações missionárias, evangélicas e penitenciais destinadas a pessoas pouco catequizadas e analfabetas e a oratória culta, cidadina, cortesã, de carácter mais político, a qual estava muitas vezes a cargo do pregador régio, um profissional preparado para desempenhar tais funções (Ambrasi, 1996, pp. 347-389; Marques, 2001, pp. 470-510). Tenha-se em atenção que a repercussão das prédicas nos ouvintes e a crítica a esses mesmos ouvintes, sobretudo quando não prestavam atenção e se ocupavam de assuntos diversos durante a pregação, não foi menosprezada por autores como por exemplo António Vieira (Pires, 1996, pp. 87-100). No século XVIII, estes comportamentos chegaram a ser objeto de ridicularização (Neras, 1786).

O sermão enquanto instrumento de utilidade catequética ou política era um importante meio de propaganda e de ataque, daí o interesse em ser publicado, uma vez que assim chegava também

“Justo ministro, amado do senhor”: a parenética...

Isabel Drumond Braga

aos que o não tinham ouvido. O conteúdo dos sermões continuava, deste modo, a ser objeto de discussão por parte dos leitores cultos. A parenética era, nas palavras de Lina Bolzoni, um elemento da vida social (Bolzoni, 1984, pp. 1065) e um sucedâneo da educação doutrinal (Filippo, 2008, p. 337), ou, como preferiu Fernando Martínez Gil, autêntica *mass media* (Martínez Gil, 2011, p. 304), *avant la lettre*, ao conseguir chegar a quase todos, doutrinando, moldando consciências e fornecendo exemplos adequados de conduta. Estas características não se podem desligar do elevado poder persuasivo dos sermões, permitindo ao púlpito assumir um considerável protagonismo mesmo após o período barroco (Hernández Guerrero, 2016, pp. 577-588). Deste modo, não se estranha que o púlpito tenha sido definido como a “cátedra desde la qual se enseñava la doctrina católica y al mismo tiempo actuaba como tribuna de difusión de mensajes sociales y políticos” (Melgosa Oter, 2007, p. 254).

Não esqueçamos que o sermão integrou um dos mecanismos pedagógicos de disciplinamento social (Schulze, 1992, pp. 371-411; Reinhard, 1994, pp. 101-123; Schilling, 1994, pp. 125-160; Schilling, 2007, pp. 69-81; Prospero, 1994, pp. 3-48; Prospero, 1996, Palomo, 1997, pp. 119-136; Brambilla, 2006; Candau Chacón, 2007, pp. 21-237). Na verdade, se tivermos em conta o posicionamento de Erminia Ardissimo, que defende a educação dos fiéis como o mais ambicioso projeto da Igreja após o Concílio de Trento, não poderemos estranhar que a pregação tenha assumido um papel relevante. Nela se depositaram esperanças de renovação da vida espiritual e, para tal objetivo ser atingido, recorreu-se aos instrumentos de persuasão clássicos, humanísticos e até aos que eram produtos da nova cultura. A oratória permitiu, assim, dar ordem e certeza ao mundo e coerência ao dogma, conseqüentemente era uma poderosa arma para a conquista da mente e uma importante via de formação da consciência e da espiritualidade dos fiéis (Ardissimo, 2001, pp. 10-17). Faça-se notar que, nos sermões dedicados às almas do purgatório, os pregadores procuravam motivar os fiéis a orar pelas almas dos defuntos e a apresentarem-se ao sacramento da penitência. Assim se compreende que alguns sermões contivessem sugestões visando o arrependimento e encaminhando as pessoas para a confissão (Martínez de Sanchez, 2010, pp. 543-554).

Atente-se que o conteúdo bíblico destas como de outras peças parenéticas não foi dos mais significativos (Mezzadri e Vismara, 2010, p. 130), tendo os pregadores optado, algumas vezes, por utilizar uma linguagem alegórica, com metáforas e imagens para fazer passar as suas ideias rápida e eficazmente. A parénesis produzida por ocasião do pretense atentado ao marquês de Pombal serviu fins políticos. Os cinco pregadores referiram a vontade de Deus no sentido de proteger o governante, o facto de D. José I ter tido um ministro que tudo fazia a bem da Pátria, não pouparam Giambattista Pelle a qualificativos negativos, tendo dois deles – o padre José da Silva Freire e frei Filipe de Santiago – salientado que o autor do atentado era um estrangeiro. Recordemos que, na perspectiva jurídica, como J. Gaudemet chamou a atenção, « l'étranger est avant tout celui qui n'appartient pas à ce cadre et qui, pour cette raison, a un statut juridique particulier » (Gaudemet, 1992, p. 18). Do ponto de vista sociológico, a situação não era melhor. Segundo o mesmo autor, o estrangeiro “est celui ‘qui n'est pas’” (Gaudemet, 1992, p. 18).

Os sermões fizeram ainda críticas mais ou menos óbvias ao que consideraram ser as nefastas ações dos jesuítas, em particular no ensino e em especial na Universidade de Coimbra. Como corolário de todo este discurso laudatório acerca do marquês de Pombal, nenhum dos pregadores poupou elogios ao governante, considerando que excedera sábios e governantes da Antiguidade e fornecendo um vasto rol de qualidades que configuravam os predicados que, em termos teóricos, eram exigidos a quem governava, pensemos, por exemplo, nos textos destinados à educação dos príncipes. Assim se compreende que, a par do doutrinamento moral, além do uso de metáforas,

“Justo ministro, amado do senhor”: a parenética...

Isabel Drumond Braga

se utilizassem exemplos concretos relacionados com o quotidiano dos fiéis. Neste sentido, temáticas como juiz, advogado, tribunal, justiça, lei, castigo e cárcere estavam presentes na parenética, visando articular a realidade terrena com a divina (Martínez de Sanchez, 2010, pp. 543-554). No vasto rol de qualidades, uma grande parte tinha raiz medieval – tais eram os casos de benfeitor, esmoler, justiceiro, legislador, misericordioso, ... – tendo-se-lhe juntado outras, numa expectável releitura e atualização ligada à conjuntura governativa do ministro, como as preocupações com a reconstrução de Lisboa e a reforma da Universidade de Coimbra.

Se este atentado foi forjado, como tudo parece indicar, falta explicar de forma convincente qual o envolvimento e qual o propósito do marquês de Pombal. Atendendo a que o ministro de D. José I se encontrava numa fase em que já tinha atuado em todos os domínios da governação e em que as suas ações eram valorizadas e apreciadas, apesar de também ter conseguido um número crescente de inimigos, o pretense atentado teria servido para tentar forçar mostras de apreço pelo trabalho realizado por parte do monarca e dos seus sucessores? Ou tentaria tornar evidente ou mesmo convencer a futura rainha D. Maria I acerca da necessidade de continuar o mesmo rumo governativo e de contar com o imprescindível marquês de Pombal? A maneira como foi punido Giambattista Pelle também lembrou a força e a ferocidade como o marquês combatia os inimigos. Um aviso aos seus opositores políticos? Enfim, eis algumas perguntas a que os sermões em análise não conseguem dar respostas.

REFERÊNCIAS

- Ambrasi, D. (1996). Panegirici e panegiristi a Napoli tra Seicento e Settecento. Em Giacomo Martina e Ugo Doveire (dir.), *La predicazione in Italia dopo il Concilio di Trento tra Cinquecento e Settecento*. Roma: Edizioni Dehoniane, 347-389.
- Araújo, A. C. (2000). *O Marquês de Pombal e a Universidade*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Ardissimo, E. (2001). *Il Barroco e il sacro: la predicazione del teatino Paolo Aresi tra letteratura, immagini e scienza*. Città del Vaticano: Librería Editrice Vaticana.
- Azevedo, J. L. (1990). *O Marquês de Pombal e a sua Época*. 2.^a edição, Lisboa: Clássica Editora.
- Bolzoni, L. (1984). Oratoria e Prediche. Em Alberto Asor Rosa (dir.), *Letteratura Italiana*. vol. 3. Turim: Einaudi, 1060-1070.
- Braga, I. D. (2001). As Realidades Culturais, em Avelino de Freitas de Meneses (coord.), *Portugal da Paz da Restauração ao Ouro do Brasil*. Lisboa: Presença, 465-565.
- Braga, I. D. (2015). Chorar uma rainha em Portugal e no Brasil: os sermões por ocasião da morte de D. Maria I. Em *Anais do I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões – Religiões e Espiritualidades, Culturas e Identidades*. vol. 3. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 38-59.
- Braga, I. D. (2015a). A parenética franciscana ao serviço da monarquia por ocasião do nascimento de D. Maria Teresa de Bragança (1793). *Paralellus*, 6 (12), 119-138.
- Braga, I. D. (2019). Parenética e política: o infante D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança (1786-1812), *Librosdelacorte*, 19, 178-198.
- Braga, I. D. (2019a). Parenética na Igreja do Loreto: os sermões em honra dos sumos pontífices (séculos

“Justo ministro, amado do senhor”: a parenética...

Isabel Drumond Braga

XVII-XVIII). *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 19, 175-197.

Braga, I. D. (2022). Nas exéquias dos bispos da Baía: os sermões dos jesuítas Eusébio de Matos (1672) e João Honorato (1735), *Librosdelacorte.es*, 24, 209-229.

Braga, I. D.; Braga, P. D. (2017). As virtudes do Inquisidor Geral: os sermões de exéquias e a imagem dos dirigentes do Santo Ofício no século XVII. Em Angelo Adriano Faria de Assis, Pollyanna Gouveia de Mendonça Moniz, Yllan de Mattos (org.), *Um Historiador pelos seus pares: trajectórias de Ronaldo Vainfas*. São Paulo: Alameda, 23-41.

Braga, P. D. (1997). *A Inquisição nos Açores*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Brambilla, E. (2006). *La giustizia intollerante: inquisizione e tribunali confessionali in Europa (secoli IV-XVIII)*. Roma: Carocci Editore.

Candau Chacón, M. L. (2007). Disciplinamiento católico e identidad de género. mujeres, sensualidad y penitencia en la España Moderna. *Manuscripts*, 25, 21-237.

Carrasco Martínez, A. (2001). Fisonomía de la virtud: gestos, movimientos y palabras en la cultura cortesã-aristocrática del siglo XVII. *Reales Sítios: revista del Patrimonio Nacional*, 147, 26-37.

Filippo, C. (2008). Pastorale tridentina ed educazione degli adulti nelle zone retiche e ticinesi all'epoca di Carlo Borromeo. Em Agostino Paravicini Bagliani e Antonio Rigoso (dir.), *La comunicazione del sacro (secoli IX-XVIII)*. Roma: Herder, 309-348.

Gaudemet, J. (1992). L'étranger: de l'image au statut, em Yves Lequin (dir.), *Histoire des étrangers et de l'immigration en France*. Paris: Larousse, 17-59.

Hernández Guerrero, J. A. (2016). La *actio* en la presicación catequética de la cultura barroca. Em A. Rey Hazas, M. de la Campa Gutiérrez e E. Jiménez Pablo (coord.), *La Corte del Barroco: textos literarios, avisos, manuales de corte, etiqueta y oratória*, Madrid: Polifemo, 577-588.

Marques, J. F. (1998). Lisboa Religiosa na Segunda Metade do século XVII. Em Bento Coelho e a *Cultura do seu Tempo. 1620-1708*. Lisboa: Ministério da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico, 139-169.

Marques, J. F. (2001). Oratória Sacra ou Parenética. Em Carlos Moreira de Azevedo (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. vol. 4, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 470-510.

Martínez de Sanchez, A. M. (2010). Imágenes de lo jurídico en sermones finis y post coloniales. *Revista Chilena de Historia del Derecho*, 22 (1), 543-554.

Martínez Gil, F. (2011). Los sermones como cauce de propaganda: la Guerra de Sucesión. *Obradoiro de Historia Moderna*, 20, 303-336.

Massimi, Marina (2005). *Palavras, almas e corpos no Brasil colonial*. São Paulo: Edições Loyola.

Melgosa Oter, O. R. (2007). Protagonistas de las exéquias de los Austrias: los predicadores del sermón fúnebre. *Obradoiro de Historia Moderna*, 16, 253-282.

Mendóça, F. F. (2010). *O Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. José de Mendóça: o homem e o seu tempo (1725-1808)*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

Mendonça, P. G. (2011). *Parochos imperfeitos: justiça eclesiástica e desvios do clero no Maranhão colonial*. Niterói: Tese de Doutoramento em História apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

"Justo ministro, amado do senhor": a parenética...

Isabel Drumond Braga

- Mezzadari, L. y Vismara, P. (2010). *La Chiesa tra Rinascimento e Illuminismo*. 2.^a edição. Roma: Città Nuova Editrice.
- Monteiro, N. G. (2010). *D. José: na sombra de Pombal*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Paiva, J. P. (2009). Episcopado e pregação no Portugal Moderno: formas de actuação e de vigilância. *Via Spiritus*, 16, 9-43.
- Palomo, F. (1997). 'Disciplina Christiana' apuntes historiográficos en torno a la disciplina y el disciplinamento social como categorías de la historia religiosa de la Alta Edad Moderna. *Cuadernos de Historia Moderna*, 18, 119-136.
- Palomo, F. (2003). *Fazer dos campos escolas excelentes: os Jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Palomo, F. (2006). *A Contra-Reforma em Portugal. 1540-1700*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Palumbo, G. (1997). L'uso delle immagini: libri di santi, libri per predicatori, libretti di dottrina dopo il Concilio di Trento. Em Cesare Mozzarelli e Danilo Zardin (dir.), *I Tempi del Concilio. Religione, Cultura e Società nell'Europa Tridentina*. Roma: Bulzoni Editore, 353-386.
- Pereira, B. F. (2012). *Retórica e eloquência em Portugal na Época do Renascimento*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Pereira, J. E. (1996). O anjo da guarda do marquês de Pombal. *Revista Portuguesa de História*, 31- 2, 373-381.
- Pires, M. L. G. (1996). Pregadores e ouvintes nos *Sermões* de Vieira. Em *Xadrez de palavras: estudos de literatura Barroca*. Lisboa: Cosmos, 87-100.
- Pontes, M. L. B. (1961). *A oratória sacra em Portugal no século XVII, segundo o manuscrito 362 da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Coimbra, [s.n.].
- Prosperi, A. (1994). Riforma cattolica, contrariforma, disciplinamento sociale. Em Gabriele De Rosa e Tulio Gregory (dir.), *L'Età Moderna*. Roma: Bari, Laterza, 3-48.
- Prosperi, A. (1996). *Tribunali della coscienza: inquisitori, confessori, missionari*. Turim: Einaudi.
- Reinhard, W. (1994). Disciplinamento sociale, confessionalizzazione, modernizzazione: un discorso storiografico. Em Paolo Prodi e Carla Penuti (coord.), *Disciplina dell'anima, disciplina del corpo e disciplina della società tra Medioevo ad Età Moderna*, 101-123.
- Saez, R. (2002). Preludio al sermón. *Criticon*, 84-85, 45-61.
- Santo, A. E. (2012). A retórica do elogio. *eHumanista*, 22, 190-210.
- Santos, C. (2005). *Padre António Pereira de Figueiredo: erudição e polémica na 2.^a metade do século XVIII*. Lisboa: Roma Editora.
- Santos, P. F. (2007). *Poder e palavra: discursos, contendas e direito de padroado em Mariana (1748-1764)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Schilling, H. (1994). Chiese confessionali e disciplinamento sociale: un bilancio provvisorio della ricerca storica. Em Paolo Prodi e Carla Penuti (coord.), *Disciplina dell'anima, disciplina del corpo e disciplina della società tra Medioevo ad Età Moderna*, 125-160.
- Schilling, H. (2007). L'Europa delle Chiese e delle confessioni. Em Maria Antonietta Visceglia (dir.), *La*

“Justo ministro, amado do senhor”: a parenética...

Isabel Drumond Braga

radici storiche dell' Europa: L'Età Moderna. Roma: Viella, 69-81.

Schulze, W. (1992). Il concetto di ‘Disciplinamento Sociale nella prima Età Moderna’ in Gerhard Oestreich. Em *Annali dell'Istituto Storico Ítalo-Germanico in Trento*, 18, 371-411.

Teles, J. B. G (2007). *Geração pombalina: descendência de Sebastião José de Carvalho e Melo*. vol. 1, Lisboa: Dislivro.

Venard, M. (2005). La Culture des Prêtes en France à l'Époque Moderne (XVIe-XVIIIe siècles). Em Maurizio Sangalli (coord.), *Pastori, pope, preti, rabbini: la formazione del ministro di culto in Europa (secoli XVI-XIX)*. Roma: Carocci Editore, 109-124.

FONTES IMPRESSAS

Costa, J. S. B. (1776). *Oração gratulatoria a Deus Nosso Senhor pelo incomparavel beneficio de preservar da abominavel e execrandissima conjuração referida na sentença de 9 de outubro de 1775 a respeitabilissima e preciosissima vida do illustrissimo Marquez de Pombal*. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica.

Freire, J. S. (1776). *Oração em acção de graças pela preservação da vida do Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Marquez de Pombal primeiro ministro de Estado e gabinete de sua Magestade Fidelissima*. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica.

Loureiro, F. J. (1776). *Oração gratulatoria e panegirica que pelo livramento da conjuração machinada contra a pessoa e importantissima vida do Illustrissimo e Excelentissimo Marquez de Pombal na solemnissima acção de graças celebrada em o Real Mosteiro de Alcobaça em o dia 1 de novembro de 1775*. Lisboa: Oficina de Francisco Borges de Sousa.

Neras, J. T. (1786). *Methodo pratico com que as senhoras mulheres assistem nos templos, principalmente no tempo dos sermoens o qual jocosamente se expõem para correcção de tão estranhos abuzos, etc.* Porto: Oficina de António Alves Ribeiro Guimarães.

Santiago, F. F.(1776). *Oração gratulatoria recitada na solemnissima acção de graças que pela maravilhosa preservação da importantíssima vida do Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Marquez de Pombal celebrou no seu Mosteiro de Lisboa o reitor geral e reformador dos religiosos de São Paulo*. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica.

Varona, F. J. (1776). *Oracção na acção de graças que a Real Junta da Fazenda da ilha da Madeira fez celebrar pela prodigiosa conservação da muito necessaria vida do Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Marquez do Pombal Sebastião José de Carvalho e Mello na Igreja de S. João Evangelista da cidade do Funchal em 20 de janeiro*. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica.